

Antropologia da Criança

'Losotros haulamos dos idiomas'

1. É o que diz Marcelo Castro Morales, o puto de dez anos que estuda comigo. O puto, uma das quinze crianças a quem a escola C40 de Penuhue permite pesquisar, comigo, no frio Inverno chileno.

'Nós falamos duas línguas, o castelhano e a **huasa**'. Viva polémica é desenvolvida entre elas, dentro da pequena sala que nos cederam para os trabalhos. Trabalhos como o Director do Complejo Educacional de Penuhue, ou Escola C40 no jargão oficial, diz que é o meu trabalho com as crianças: ensinar o-não-sabe-o-quê desse estrangeiro, sábio Doutor, às 15 crianças, escolhidas de entre os melhor dos 1.600 estudantes do pré-primário à opção pré-universitária, da população de 9.000 habitantes dos seis sítios rurais e industriais pelos quais a comunidade chilena-picunche se estende em 1.000 Km2 de superfície.

Quinze crianças que falam entre elas enquanto eu falo, que dão pontapés eles a elas, que elas delatam, que eles agarram, que elas ouvem, que eles já sabem, que elas ficam calmas, que eles se batem enquanto olham inocentes nos meus olhos, que ...

Pegamos no caderno, no lápis e na borracha e vamos para a rua, hoje com nomes. De capitães. Do Conquistador do Chile, Pedro de Valdivia. Ruas que eles conhecem pelo nome dos seis espanhóis que o seu imaginário de 90 anos, lhe fantasiara que aí tinham andado.

E esses olhos pretos, das caras cor de óleo escuro, ficam brilhantes. De ir porta a porta pelas casas da vila central da espalhada comuna. E vão ficando surpreendidos quando entendem o seu contexto. É o que Marcelo Castro disse no primeiro minuto do nosso trabalho: ninguém sabia, nas casas, quem era a pessoa que dava nome à rua, assim como não sabiam a idade da casa. Mas, a Francisca Castro é mais outra das descendentes de Castro que aí moram ó, ocorre-lhe perguntar pela idade e genealogia da pessoa: o que Gustavo Cáceres, e Javier Muñoz, e Yarin Contardo repetem. Estes, de entre os quinze, de 10 e 11 anos, que o senhor Director mandou trabalhar comigo neste frio e comprido Inverno. Os seus apontamentos, acumulam contradições entre o livro de texto do 5º ano básico e o saber cultural que orienta ideias, interacção e disciplina entre adultos e infância. Que desloca a fala quotidiana do **haulamos** para a oficial do **hablamos** (falamos). Duas línguas, dois saberes.

2. Marcelo tem razão, falam duas línguas. E dentro das duas, mais duas. **Penuhue**, palavra **mapudungum** dos nativos **picunche** de Vale das Cordilheiras, foi abatida em 1569 pelos colonizadores judeus, mouros, ciganos, galegos, lusitanos, que a Coroa Castelhana-leonesa alastrou e conquistou na Península Ibérica desde o séc. XV. E que os, ignorados por eles, mestiços chilenos, denominam espanhóis. Como os louros professores ensinam nos doutos livros oficiais.

Penuhue, ou Terra do Cabaço, em Talca, do original **Talca** ou **Trovão**. Abatida em 1569 pelas armas, os seus 1.500 anos de saberes, ideias, tecnologia, a sua cosmovisão que regula a vida social, pela da poderosa aliança política da dita Coroa e a Tiara do Papado Católico Tridentino. Nada do dito, exprimido ou sabido pelos doutos investigadores, docentes, e futuros desempregados, os discentes. Das ruas de Penuhue, e a saber já que íamos falar quatro línguas em duas ó a castelhana oficial, a predominante castelhana do séc. XVI que troca **L** por **R**, e **F** por **J**, **O** por **U** ó a castelhana **huasa** com palavras **mapudungum** e a das palavras proibidas que perderam nestes dias a força de insultar devido a serem escritas e a ninguém se irritar pelo seu uso ó, a saber, porém, que me ensinaram **uma** língua que eu não conhecia: o chileno, que é mestiço.

Percorremos a área até chegarmos ao cemitério indígena de **Huenchumali** (irmão-irmã) a primeira redução dos nativos aí fechados para aprenderem a doutrina europeia, que Dalí tão lindamente desenhara nos anos 60 (vide o meu **Fugirás à Escola...** capa). E aí, nessa igreja de barro de 1569, no cemitério Picunche dos seus ancestrais espancados, violados, queimados, abatidos, acorrentados, estes meus quinze putos pencahuinos entenderam a diferença entre o que é preciso saber para ganhar dinheiro para se reproduzirem no neo-liberalismo e o que é preciso saber para o convívio, a afectividade, a comunicação entre seres humanos que, ou conhecem a sua identidade, ou não conseguem os apoios emotivos da população da terra, para sobreviverem neste país, série de controlo de economias, saberes e medicinas, antes de serem usados na etnia etnocêntrica da Europa. É o que, com Paulo Freire, Meyer Fortes e Jack Goody, fomos fazendo, Antropologia da Educação, ou a análise **in situ** da formação do saber. Ao que o meu amigo Pierre Bourdieu resiste como Pedagogia. E que nós teimamos aprender no convívio com a infância.

Doutor Raúl Iturra.

Professor Catedrático de Antropologia Social, I.S.C.T.E., Lisboa.

Membro do Senado da Universidade de Cambridge.

Professor Visitante da Universidade do Porto.

Professor Visitante do Instituto Profesional del Valle Central,

Talca, Chile (Convénio Chile-Portugal).

Penuhue, 20.08.98